
A Construção Das Migrações e Do Migrante Nas Mídias Hegemônicas Brasileiras¹

Maritcheli VIEIRA²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir sobre a representação de migrantes e refugiados na mídia hegemônica brasileira. Para isso, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, mapeando trabalhos produzidos a partir do ano de 2010, período em que o Brasil começou a ser considerado um país de imigração. Com a discussão, percebeu-se que as migrações ainda são representadas de forma simplificada e preconceituosa nos meios de comunicação, tratando o migrante geralmente relacionado ao crime, a sujeira da sociedade, ilegalidade e, por vezes, condicionando a sua presença no Brasil com a mão de obra.

PALAVRAS-CHAVE: representação midiática; mídia hegemônica; migrações; mobilidade humana.

INTRODUÇÃO

O tema das migrações tem cada vez ganhado mais espaço nas discussões públicas, consequência da tendência dos novos fluxos migratórios, os quais são caracterizados por pessoas que saem de seus países de nascimento por motivos econômicos, sociais e políticos. Segundo o OBMIGRA (2021)³, no período de 2011 a 2021, o Brasil consolidou-se como um país de destino para migrantes e refugiados. Atualmente, segundo o mesmo relatório, no Brasil existem 1,3 milhões de migrantes. Os dados indicam que em dez anos houve aumento de 24,4% nos fluxos migratórios.

Com esse aumento das discussões sobre as migrações, estudiosos começaram a analisar cada vez mais como tal temática era pautada e representada midiaticamente. Nesse sentido, esse trabalho, caracterizado por uma discussão teórica, recorte de uma tese de doutorado em andamento, objetiva discutir como a mídia hegemônica constrói a narrativa sobre as migrações. Para isso, mapeei, a partir de uma pesquisa bibliográfica⁴,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda em Comunicação do Programa de Pós-Graduação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, e-mail: vejiramarit@gmail.com

³ O OBMIGRA - Observatório das Migrações Internacionais.

⁴ 1) Google Acadêmico; 2) IBICT - Biblioteca Digital Brasileira de Teses; 3) Banco de Teses e Dissertações da CAPES; 4) Biblioteca Eletrônica Scielo; 5) Banco de Dados da USP, ESPM, PUC-RS, UFSM e UNISINOS; 6) Banco de Dados de eventos e associações da Compós, Intercom, revistas Comunicação e Educação e Matrizes.

trabalhos produzidos a partir de 2010, período em que o Brasil começou a ser considerado um país de imigração. Selecionei palavras-chaves abrangentes, ou seja: “mídia e migrações” e “representação e migrações”. Pelo fato da temática ter um grande número de trabalhos, selecionei publicações que foram produzidas a partir do ano de 2010, período em que o BR começou a ser considerado um país de imigração. Na busca de pesquisas que trabalhassem a temática migratória nesse período, enfatizei as que pautavam a relação entre as mídias e os sujeitos venezuelanos, haitianos e senegaleses, migrantes que interessam a pesquisa de tese que essa discussão foi retirada.

OS MIGRANTES E AS MIGRAÇÕES NA MÍDIA HEGEMÔNICA

Baseada em ElHajji (2011) compreendo que a imagem do “outro” bem como o discurso, a alteridade e a diferença sobre esse “outro” estão intimamente ligados ao discurso midiático global, tanto como uma forma de aproximar essas pessoas que chegam quanto, lamentavelmente, no reforço de preconceitos e estereótipos. Quando penso nessa segunda abordagem que o autor nos aponta, compreendo que temos diversas produções que realizam análises, observações e discussões que nos mostram que ainda temos muito o que evoluir nas nossas produções midiáticas brasileiras.

Neste contexto, é imprescindível frisar que a nossa sociedade está em um processo de midiaticização. Baseio-me em Rosa (2020) para afirmar que essas imagens que a mídia produz são pensadas e produzidas para a produção. Ou seja, são visíveis marcas de estratégias de fixação e de operações de valor que prolongam a circulação de determinadas imagens. Ainda compreendo, baseada na mesma autora, que por mais que estejamos em uma sociedade em midiaticização, os sentidos não estão na tecnologia em si, mas são frutos da produção humana, do acionamento dos imaginários, do que você interpreta ao ver aquela imagem midiática.

Por isso, entendo que não é suficiente compreender como se dá a produção midiática, mas, é necessário que, nós, pesquisadores, compreendamos o que os sujeitos fazem com o que é produzido. Precisamos conhecer o que acontece durante a circulação desses conteúdos. E, não só isso, mas também entender como podemos, através das nossas pesquisas, fazer com que esses sujeitos, que irão consumir os conteúdos midiáticos, tenham conhecimento e discernimento para serem críticos, pensamento que me instiga a realizar essa tese de doutoramento.

Ao pensar sobre as construções das mídias sobre os migrantes e sobre a criticidade de conteúdos, umas das primeiras questões e que me vêm à cabeça, talvez porque tenha sido meu trabalho de dissertação de mestrado, são as telenovelas. Compreendo a telenovela como um espaço para discussões públicas, bem como um conteúdo midiático que realiza a representação de identidades e culturas que são inseridas na nossa sociedade. Essa compreensão é baseada principalmente em interpretações de leituras de trabalhos da professora Maria Immacolata Lopes, em que compreende a telenovela como um recurso comunicativo, sendo um espaço público de debates de temas representativos do que se vive no país e no mundo. (LOPES, 2009).

Visto isso, abro essa discussão de conteúdos midiáticos, apontando questões relacionadas à pesquisa de Vieira, Brignol e Curi (2021) que, por meio de um estudo de recepção da telenovela *Órfãos da Terra*⁵, objetivaram compreender como, ao representar migrantes e pessoas em situação de refúgio, a telenovela contribuiu no debate das migrações. Com a análise da recepção da telenovela por seus telespectadores, Vieira, Brignol e Curi (2021) perceberam que *Órfãos da Terra* conseguiu informar sobre a temática migratória de uma forma pedagógica, estimulando, assim, o pensamento crítico e o conhecimento sobre o assunto. Para isso, o melodrama utilizou como estratégia a humanização de migrantes, por meio de depoimentos socioeducativos, expondo a experiência e a vivência real sobre a temática migratória.

Porém, por mais que tenha tentado abordar a temática migratória de forma a respeitar e humanizar migrantes e refugiados, a telenovela acabou acionando também estereótipos, como a relação da religião muçulmana com o crime, por exemplo. Apoio-me em Hall (2016) para compreender a estereotipagem como práticas essencializadoras, reducionistas e naturalizadoras, as quais reduzem sujeitos a algumas poucas características simples e essenciais e que são representadas como fixas, da natureza. Então, o estereótipo se apossa de características simples, memoráveis e bastante conhecidas sobre uma pessoa ou grupo social, nesse caso os migrantes, mais especificamente da cultura muçulmana, reduzindo-os a traços exagerados e simplificados.

⁵ A telenovela *Órfãos da Terra* (TV Globo, transmitida de abril a setembro de 2019) pautou a migração para o Brasil de pessoas de diversos lugares do mundo, por causa de guerras, conflitos e perseguições. Tantos anos da Guerra da Síria também foram trazidos para as telas na interpretação da história da família Faiek, que teve sua cidade e casa destruídas, em 2015. Com autoria das escritoras Duca Rachid e Thelma Guedes, a telenovela também discutiu a convivência entre diferentes culturas, xenofobia, apatridia, documentação e revalidação de diplomas.

A partir disso, compreendo que, por mais que hajam materiais de mídias hegemônicas, como a própria telenovela, que tentam abordar a temática migratória de uma forma respeitosa e didática, infelizmente, ainda caem em representações estereotipadas e essencializadoras. Os migrantes ainda são relacionados ao crime, à uma figura negativa, à desorganização da sociedade brasileira e até mesmo à doença, como veremos na sequência.

É importante frisar que essas representações se referem principalmente às migrações sul-sul, as quais são entre e em direção aos países da América Latina, que compreendem migrantes de origem africana que tentam fugir da fome e da pobreza (angolanos, senegaleses, congolese). Além desses, ainda aponto os migrantes do Haiti, país que possui graves problemas socioeconômicos, e os nossos vizinhos, os migrantes da Venezuela, que vêm para o Brasil em busca de trabalho, visto que seu país enfrenta um cenário de crise política, econômica e social.

Da mesma forma que na análise da telenovela, quando entro em materiais jornalísticos e informativos, o padrão é o mesmo, ou até pior. Os migrantes são estereotipados e ligados de alguma forma à sujeira da sociedade, a problemas, doenças e crimes, por exemplo, como veremos.

Cogo e Badet (2013a) em análise de um conjunto de narrativas produzidas por diferentes espaços midiáticos digitais⁶ (jornais, portais, blogs, sites, redes sociais) durante o período de 2007 e 2012 trouxeram, principalmente, a questão de “imigração qualificada”, resgatando que a incorporação de imigrantes brancos esteve diretamente vinculada ao processo de consolidação da nação brasileira desde a independência e já evidenciava a presença de uma noção de seletividade e qualificação da mão de obra imigrante, norteadas as políticas migratórias da época. Como já comentamos anteriormente, os imigrantes considerados aceitos eram os trabalhadores europeus,

⁶ As modalidades midiáticas que autoras analisaram fora: Agências de Notícias (Agência Brasil, Agência EFE, Agência Financeira, BBC, France Presse, Reuters/Brasil Online); Jornais/Portais de Notícias Nacionais (Diário de Cuiabá, Diário de SP, Folha de S. Paulo, Jornal Estado de Minas, G1 - Globo. com, Jornal O Globo, Globo News, Sul); Televisão (Jornal Nacional); Rádios (CBN); Revistas (Istoé Dinheiro, Revista Época); Blogs (Blog Ricardo Festi, Blog Lusa Sol); Site (Instituto Humanitas Unisinos, Outras Palavras, Vivir en Brasil); E-mails de lista e arquivo de notícias em grupos de discussão (ANEIB- Estrangeiros no Brasil); Site de Rede Social - Facebook (Grupos: Blog Españoles en Brasil, A Nova Geração de Patrícios no Brasil, Brasil País de Imigração, Imigrantes Haitianos no Brasil, Italiani in Brasile, Visa Brasil); e E-mails e arquivos de notícias (ANEIB- Estrangeiros no Brasil).

brancos e saudáveis. Os europeus indesejáveis eram os refugiados, deficientes físicos, velhos, ativistas políticos ou criminosos.

Cogo e Badet (2013a), a partir de uma análise do discurso ancoradas pela Estudos Críticos do Discurso (ACD) formulados por Van Dijk (1997, 2005, 2008, 2010), detectaram que a chegada dos haitianos no Brasil teve bastante ênfase, visto que o período das notícias jornalísticas analisadas coincide com a migração haitiana. Esse encontro da análise com a intensificação dos migrantes haitianos para o Brasil se deu principalmente porque no fim do ano de 2010 o país foi atingido por um terremoto que deixou mais de 300 mil mortos. Na análise das autoras, grande parte da cobertura midiática sobre a entrada de imigrantes haitianos foi marcada fortemente pela utilização de imagens que sugerem uma chegada massiva, de invasão, de descontrole das autoridades e com uma ilegalidade desses migrantes no Brasil.

Além disso, as autoras observaram que houve predomínio de uma dimensão economicista e laboral que pautava o crescimento da imigração no Brasil e, associada a ela, a construção da noção de imigração qualificada que justificaria e impulsionaria a existência de um novo fluxo migratório para o país. Essa questão foi observada através do uso recorrente do termo “mão de obra qualificada” a fim de fazer referência à chegada de imigrantes ao Brasil e à própria necessidade de trabalhadores qualificados para a economia brasileira. Porém, é interessante observar que essa “qualificação” tinha “níveis” diferenciados dependendo da etnia dos migrantes. Os haitianos, no caso, tinham forte vinculação aos serviços braçais, principalmente relacionados à construção civil. Já os migrantes de culturas europeias eram vistos como pessoas portadoras de níveis diferenciados de escolaridade e especialização profissional, assim como de padrões de desenvolvimento econômico e social.

Indo na mesma direção das últimas pesquisas Cogo e Silva (2016), através do conceito de enquadramento, em análise de 162 materiais midiáticos digitais⁷, perceberam o tratamento da migração haitiana como uma invasão ao Brasil. O trabalho das autoras tinha como objetivo mapear e compreender como a imigração haitiana foi abordada por diferentes mídias ou por narrativas que nelas ganharam visibilidade nos primeiros quatro anos de presença significativa da diáspora haitiana no Brasil (2011-2014). Para análise

⁷ Materiais vinculados a organizações midiáticas públicas e privadas, assim como em publicações mantidas por instituições públicas, privadas e sem fins lucrativos. No artigo, as autoras apresentam análises de matérias da Revista Época, Correio Braziliense, BBC Brasil, O Globo, por exemplo.

no artigo publicado, as autoras fizeram um recorte da pesquisa e separaram conjuntos de acontecimentos e temas⁸ que compuseram a agenda midiática, os quais foram: a chegada dos imigrantes ao Brasil; o fechamento do abrigo em Brasiléia (Acre)⁹ e a chegada de haitianos a São Paulo; e a política migratória brasileira.

Durante a análise, as autoras apontam a abordagem da migração haitiana pelos meios de comunicação nos primeiros anos, sempre relacionados como “fuga do Haiti”, “desastre”, “miséria”, “pobreza”. Porém, somando-se a isso, a narrativa das mídias também traz “discursos que vão enfatizar o quanto a chegada dos haitianos expõe as fragilidades da política migratória brasileira e da atuação da esfera pública governamental no atendimento aos imigrantes (COGO; SILVA, p.09, 2016). Questões como a invasão dos haitianos ao Brasil e superlotação, evidenciando termos como “ilegal”, “ilegalidade”, “quantidade”, “Brasil como roteiro na diáspora haitiana” e “maré clandestina”, por exemplo, começam a tomar mais espaço.

A partir disso, é impossível não apontar uma proximidade em relação a como o migrante haitiano é pautado na mídia hegemônica. Quando o migrante, neste caso o haitiano, não é tratado como uma pessoa vinculada à pobreza, é relacionada ao crime, à ilegalidade. É importante frisar que aqui me baseio na cidadania universal quando compreendo que, por natureza, nenhum imigrante é ilegal. Ou melhor, essa identificação negativa do migrante, como um não cidadão, como relacionado a ser clandestino e ilegal, constitui, na verdade uma estratégia econômica-política para ser considerável como uma mão-obra barata e descartável (ELHAJI, 2017).

Assim como os haitianos, os senegaleses também configuram os chamados novos fluxos migratórios para o Brasil e ganharam visibilidade em diferentes cidades brasileiras e na própria cobertura midiática desde a sua intensificação de entrada no país (BRIGNOL, 2015). Sobre a representação da migração de senegaleses para o contexto brasileiro, especialmente para o Estado do Rio Grande do Sul, Brignol (2015) contribui para o campo de estudos de mídia e migrações. Para a realização da pesquisa, a autora parte do

⁸ Considero importante sinalizar que as autoras levam em consideração em sua análise a noção de acontecimento como algo que emerge ou provoca uma ruptura na continuidade da experiência, que provoca ações e discursos por parte de indivíduos e instituições, revelando problemas, temas, questões da vida coletiva, conceituado por Louis Quéré (2005).

⁹ No ano de 2014, o Governo do Acre determinou a desativação do abrigo de haitianos em Brasileia, para substituí-lo por um novo na capital de Rio Branco. Segundo o Site EBC, até o ano de fechamento, estimava-se que pelo menos 20 mil haitianos tivessem passado pelo abrigo. Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/04/governo-do-acre-fecha-abrigo-de-haitianos-em-brasileia>. Acesso em: 20 de janeiro de 2023.

mapeamento da cobertura midiática sobre a presença desses migrantes no Estado do Rio Grande do Sul, com a coleta, observação e análise de conteúdo de notícias publicadas em *sites* de oito jornais brasileiros¹⁰, com circulação nacional, regional no RS e local, nas cidades com forte presença de migrantes senegaleses, no período de agosto a dezembro de 2014. Brignol (2015) aponta que mesmo que a sua pesquisa tenha foco na presença de senegaleses no Rio Grande do Sul, optou por ampliar o olhar dos temas das migrações em produtos midiáticos também com circulação nacional para poder relacionar com aspectos a partir dos quais a questão vem sendo tratada no contexto regional.

Em sua análise, Brignol (2015) percebe que nos jornais de circulação nacional as notícias possuem quatro temas principais de abordagem: saúde, enfatizando a questão do vírus Ebola; cifras e dados gerais relativos ao incremento da presença migratória no Brasil; políticas migratórias, com o debate em torno das mudanças na legislação no contexto brasileiro; e remessas, viés econômico para tratar do impacto da presença migrante em termos de volume de dinheiro que circula dos países de migração para os países de nascimento dos migrantes. Além disso, é importante apontar que dentre esses conteúdos publicados pelos jornais de circulação nacional, a autora também destaca uma matéria no jornal *O Globo* associada à temática de polícia e crimes.

Quando o seu olhar se volta para os jornais de circulação estadual, além das notícias sobre integração e políticas migratórias com raros espaços e ampliação das vozes que são acionadas para falar da questão, destacam-se também aquelas que trazem à tona o tema do ebola.

Já em relação às demais notícias publicadas nos *sites* de jornais de cidades com mais presença migratória, é identificada uma tendência maior à abordagem da migração de senegaleses vinculada à perspectiva de integração, destacando festas e a cultura senegalesa bem como notícias que enfatizam uma contribuição maior do migrante para a economia das cidades do que em termos sociais e culturais.

A partir do que explanei, baseando-me na pesquisa de Brignol (2015) que contou com a análise de 41 matérias jornalísticas relacionadas à temática da migração senegalesa no Brasil, percebo que muitas das perspectivas vêm ao encontro da pesquisa de Cogo e

¹⁰ Brignol (2016) realizou a sua observação e análise de matérias publicadas em sites de jornais com circulação nacional - Folha de São Paulo, Estadão, O Globo -, sites de jornais com circulação no RS - Zero Hora e Correio do Povo - e sites com circulação em cidades gaúchas com forte presença de migrantes senegaleses - Pioneiro de Caxias do Sul, Gazeta de Bento Gonçalves e o Nacional de Passo Fundo.

Badet (2013b). Digo isso pois é observado que os senegaleses, assim como os haitianos e inclusive migrantes de outras nacionalidades (exceto de matrizes europeias) são recebidos e relacionados à economia, ou seja, apenas como mão-de-obra para empresas de construção civil e alimentos. Além disso, o caráter discriminatório também permaneceu muito forte, mas, neste caso, ainda traz à tona o medo com a saúde pública e a disseminação do vírus Ebola e, é claro, em alguns casos, vendas de produtos ilegais ou roubos.

Como podemos perceber, em ambas as análises, a temática migratória nas mídias foi tratada com um caráter discriminatório e por vezes segregador, em que migrantes são vistos apenas como mão-de-obra, o que pode ser relacionado com a história do Brasil.

E quando vamos para pesquisas mais recentes que trazem a análise da cobertura midiática hegemônica da temática migratória, não percebemos muitas mudanças. Neste caso, estamos nos referindo a pesquisas que analisam a chegada de migrantes venezuelanos no Brasil, em decorrência da grave crise institucional, econômica, política e social que afeta o país nos últimos anos.

Um exemplo é o trabalho de Ribeiro, Cruber, Brignol e Curi (2018), que apresenta um esforço para mapear e analisar a cobertura midiática sobre a chegada dos migrantes venezuelanos durante o ano de 2018 na plataforma online GaúchaZH¹¹. Nesta pesquisa são observados alguns fatores em comum com o que já estava sendo pontuado em outras produções acadêmicas como, por exemplo, a associação entre o migrante e o trabalho. Segundo os autores, a representação do migrante como trabalhador e, principalmente, como sinônimo de mão de obra, é observada em várias das matérias coletadas, o que se aproxima ao que já se percebe desde estudos clássicos sobre o fenômeno migratório.

A partir de um olhar para todas essas análises sobre a representação do migrante na mídia brasileira, é possível observar que o trabalho é um condicionante para que o migrante seja aceito e “bem recebido” no Brasil. Este pensamento vai ao encontro dos argumentos de Sayad (1998) de que a estadia autorizada do migrante está inteiramente ligada ao trabalho e de que o trabalho é a única razão que lhe é reconhecido: “ser como migrante, primeiro, mas também como homem - sua qualidade de homem estando subordinada a sua condição de imigrante” (SAYAD, 1998, p. 55). Mais que isso, com base em Sayad (1998) compreendo que o migrante só existe por causa do trabalho, pois

¹¹ Jornal digital brasileiro mantido pelo Grupo RBS do Estado do Rio Grande do Sul.

é esse trabalho que condiciona toda a sua existência no lugar de chegada; e, claro, não é qualquer trabalho. O migrante apenas pode ser mão-de-obra do “mercado de imigrantes”, que, no caso das pesquisas, percebo que são aqueles relacionados principalmente aos serviços braçais. Como a vaga de trabalho “especial para migrantes” é a justificativa para esses sujeitos estarem nos seus lugares de chegada, quando esse trabalho não tem mais demanda, ou seja, desaparece, o migrante já não é mais necessário (SAYAD, 1998).

Isso, nos leva a mais um ponto da pesquisa de Ribeiro, Cruber, Brignol e Curi (2018), quando argumentam que o imigrante é visto como provisório. A pesquisa desses autores foi feita a partir de uma mídia gaúcha, quando estava sendo realizada a Estratégia de Interiorização de migrantes venezuelanos. Segundo o *site* da ACNUR¹² (Agência da ONU para Refugiados), a interiorização facilita a garantia de direitos, autonomia da tomada de decisões e integração local de pessoas refugiadas e migrantes venezuelanas que estão no nosso país.

Para enriquecer ainda mais a discussão, trago uma análise realizada por Oliveira Filho e Hilgemberg (2020), que também observa mídias locais, porém durante o período do mês de setembro de 2019 nos *sites* do JRR 1ª Edição no portal G1 Roraima e jornal Folha de Boa Vista. É relevante observar a análise em Jornais de Roraima, pois a maior parte dos migrantes venezuelanos entram no Brasil através da fronteira da cidade de Santa Elena de Uaiarén com Pacaraima, que fica ao Norte deste estado. Na pesquisa de Oliveira Filho e Hilgemberg (2020) constata-se um agravamento ainda maior quanto à temática migratória nas mídias. Segundo os autores, quando os imigrantes venezuelanos não são representados com um viés de total dependência da comunidade e de doações, são relacionados a sentidos negativos como o tráfico de drogas e atos ilícitos.

É sobre os sentidos negativos que aciono a ideia de racismo de Van Dijk (2005). Para o autor, o racismo não tem relação apenas com a cor da pele, mas também com a etnia. Ou seja, são discursos que parecem ser normais e naturais, sendo uma forma de hegemonia étnica, que é baseada em ideologias e atitudes aparentemente legítimas, aceitas pela maioria dos membros do grupo dominante. Na imprensa, nos discursos sobre migrantes e minorias étnicas, há sempre a tendência de assumir uma dimensão negativa. A migração tende a ser tematizada como uma ameaça e as relações étnicas são

¹² Site ACNUR. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/temas-especificos/interiorizacao/>. Acesso em: 23 de novembro de 2022.

representadas em termos de problemas e desvios, relacionados ao crime, drogas e violência (VAN DIJK, 2005).

Pensando nesse racismo e preconceito vinculados ao migrante, relaciono-o com a discussão sobre o que é ser estrangeiro. A partir das concepções de Woodward (2000) e a construção das identidades, o estrangeiro pode ser associado com o forasteiro (outsider) em referência à identidade do “habitante local” (insider). O forasteiro, é então o estrangeiro, e também todo aquele que é associado a crime, perigo e transgressão da lei. Ainda, para a autora, citando Douglas¹³, o estrangeiro pode ser considerado aquele que está “fora do lugar”, e que contribui para a desordem social.

Importante resgatar que até aqui discutimos que o migrante, seja haitiano, senegalês ou venezuelano, é visto e representado midiaticamente como um sujeito relacionado e condicionado à mão de obra e também como alguém que pode representar um perigo para a sociedade. Quando falamos em perigo, existem diferentes aspectos em relação a ele, como o crime, o tráfico e até mesmo a doença. É neste sentido que atualizo essa discussão com aspectos relativos a pesquisas que vinculam a temática migratória à COVID-19.

No final do ano de 2019, o mundo e o Brasil foram impactados pela maior crise sanitária mundial, o Coronavírus, que leva o nome de SARS-CoV-2. Um vírus que teve como epicentro de infecção a cidade de chinesa de Wuhan, foi responsável pela morte de milhares de pessoas em todo o mundo, causando medo e insegurança quanto ao dia de amanhã, pois nem os profissionais da saúde sabiam ao certo como acontecia a transmissão, quais eram os sintomas e como seriam realizados os tratamentos. Com as medidas de proteção sanitária, como o próprio *lockdown*, as pessoas tiveram que buscar o distanciamento social. Fronteiras foram fechadas com o intuito de controlar a mobilidade de sujeitos entre países e dentro deles e, assim, controlar a contaminação pelo vírus. Com o avanço da ciência e da pesquisa conseguimos a vacina e, consequentemente, o controle do vírus SARS-CoV-2. E como a temática migratória foi pautada nas mídias no contexto desta crise sanitária? Vale lembrar que os migrantes, segundo Brignol (2015), em momentos também são tratados como perigo de contaminação e disseminação de vírus.

¹³ DOUGLAS, M. (1987). *Constructive Drinking* Cambridge. Cambridge University Press.

Então, é nesse sentido e para entender a temática migratória nesse contexto que aciono a pesquisa de Brasil (2021) quando analisa as representações sociais sobre a migração e migrantes veiculadas no ano de 2020 pelo jornal online Folha de São Paulo. Na sua análise, o autor aponta que nas matérias analisadas o migrante constantemente era representado como vítima ou vilão. Essa sua objetivação como vilão vai ao encontro da análise de Brignol (2015), pois os sujeitos migrantes são relacionados aqui com a origem e a transmissão da doença, no caso a COVID-19. Já em relação à vítima é possível compreender que os migrantes são relacionados também a todo momento como “grupo vulnerável tanto à infecção pelo vírus quanto aos efeitos sociais e econômicos provocados pela pandemia” (BRASIL, 2021, p.13). Compreendo que talvez esses sujeitos que venham para o nosso país, dependendo da situação econômica e social, realmente possam estar mais vulneráveis em relação ao vírus, porém é inevitável apontar que a imagem de vítima, da pessoa indefesa e dependente pode contribuir inclusive para o reforço do migrante como um problema social do estado a ser resolvido.

Então, essas representações podem fazer com que o migrante seja visto apenas como um sujeito de necessidade e pouco enxergado como uma pessoa que tem direitos e autonomia. Ancorada em Mata (2006), entendo que tal tratamento é uma forma de representar midiaticamente os desprivilegiados, o cidadão que perdeu os seus direitos e, muitas vezes, em vulnerabilidade social. Considerando o conceito da autora, percebo que tais coberturas midiáticas podem reforçar essa representação de que os migrantes são apenas pessoas indefesas e vitimizadas. Não só isso, mas a ideia do migrante como um problema social é reforçada. Os migrantes são percebidos como grupo social que têm uma série de problemas sociais (SAYAD, 1998).

Uma questão interessante a ser pontuada é que em momentos nas notícias analisadas por Brasil (2021) houve espaço para a narrativa do próprio migrante, dando autonomia e possibilitando o compartilhamento de suas histórias de vida sobre a migração bem como o próprio refúgio. Mas, ao mesmo tempo, tais notícias ainda pecaram quanto ao uso incorreto dos termos migrantes *versus* refugiados e, piorando a situação, ainda trouxeram termos como “imigrante ilegal”, o que reforça mais uma vez a imagem negativa e pejorativa a esses sujeitos.

De forma geral, Brasil (2021) considera que no contexto da pandemia da COVID-19 houve o reforço de representações negativas quanto às migrações, com a intensificação de estereótipos que podem e levaram não apenas à ocorrência de novos episódios

xenofóbicos, mas também a uma ampliação do processo de securitização das migrações no Brasil e em outros países do mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da discussão, ficou perceptível que, apesar dos anos passarem, a pauta da temática migratória nas mídias hegemônicas tem muito a evoluir. As pesquisas do nosso campo mostram que as migrações ainda são representadas de forma simplificada e, por vezes, preconceituosas nos meios de comunicação. Os profissionais da comunicação ainda estão submersos a imaginários preconceituosos e reducionistas quanto a migrante, como um sujeito relacionado ao crime, a sujeira da sociedade, ilegalidade e dentre outras representações.

Por vezes, ainda existem aqueles materiais midiáticos que tentam dar narrativa para o migrante, trazendo de uma forma mais humanizada e respeitosa, mas ao mesmo tempo pecam na representação e acabam reforçando imagens negativas e pejorativas desses sujeitos. Baseada em Sodré (2013), entendo que estamos em uma sociedade em processo de midiatização e que existem imagens midiáticas que regem as relações sociais provindas dos modelos hegemônicos do capital e do mercado global. Por isso, compreendo a responsabilidade dos profissionais da comunicação com o agir comunicativo quando representam a sociedade e os sujeitos que dela fazem parte de forma que prevaleçam estereótipos e características simplificadas de grupos sociais.

Porém também compreendo que a responsabilidade está para além dos profissionais da comunicação. Aciono Freire Filho (2005) quando aponta que os estudos dessa sub-representação se consolidaram nos estudos culturais e midiáticos desde a década de 1960, caracterizando-se com a política da identidade e se preocupando pela afirmação e defesa da singularidade cultural dos grupos minoritários. É neste cenário que, em relação aos meios de comunicação, as “representações inadequadas de estrangeiros, classes sociais e outras comunidades é destacada como um sensível problema para o processo democrático, cujo desenvolvimento demanda a opinião esclarecida de cada cidadão a respeito de questões capitais da vida política e social” (FREIRE FILHO, 2005, p.22).

REFERÊNCIAS

BRASIL, Julia Alves. Migrações e mídia durante a pandemia de COVID-19: uma análise de notícias publicadas no jornal Folha de São Paulo. **Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana (REMHU)**, Brasília, v. 29, n. 62, ago. 2021, p. 171-188.

BRIGNOL, Liliane. Senegaleses na Mídia: Representação de Novos Fluxos Migratórios para o Rio Grande do Sul. In: **ALAIC - Revista latino-americana de ciencias de la comunicaci3n**, v. 12, n. 22, p. 70-81, enero/junio 2015.

COGO, Denise; BADET, Maria. **Guia das Migrações Transnacionais e Diversidade Cultural para Comunicadores: Migrantes no Brasil**. Bellaterra: Instituto Humanitas - Unisinos; Instituto de la Comunicaci3n de la UAB, 2013.

COGO, Denise; BADET, Maria. De Braços abertos... A construção midiática da imigração qualificada e do Brasil como um país de imigração. In: ARAÚJO, Emília; FONTES, Margarida; BENTO, Sofis (Org.). **Para um debate sobre mobilidade e fuga de cérebros**. Braga: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, Universidade do Minho, 2013. p.32-57.

COGO, Denise; SILVA, Terezinha. Entre a fuga e a invasão: alteridade e cidadania da imigração haitiana na mídia brasileira. **Revista Famecos: Mídia, Cultura e Tecnologia**. Porto Alegre, v. 23, n. 1, janeiro- abril, 2016.

ELHAJJI, Mohammed. **Migrações, mídia e globalização: identidades transnacionais e diásporas locais**. In: IX Congresso Lusocom, São Paulo, 2011. São Paulo: Lusocom, 2011.

ELHAJJI, Mohammed. Migrantes. Uma minoria transnacional em busca de cidadania universal. **Interin**, vol.22, n.1, jan.-jun., 2017.

FREIRE FILHO, João. Força de expressão: construção, consumo e contestação das representações midiáticas das minorias. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n.28. dez. 2005.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio: Apicuri, 2016.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo. Telenovela como recurso comunicativo. **Matrizes**: São Paulo, volume 3, nº 1, agosto-dezembro, 2009, p. 21-47.

MATA, María Cristina. Comunicaci3n y cidadania. Problemas teórico-políticos de su articulaci3n. **Revista Fronteiras**: São Leopoldo, nº 1, jan-abril, 2006.

OLIVEIRA FILHO, José Tarcísio; HILGEMBERG, Tatiane. A Representação de venezuelanos e venezuelanas na mídia local em Roraima. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicaci3n**. n. 33, v. 19, 2020, p. 144-154.

RIBEIRO, Bibiana; CRUBER, Leandra; BRIGNOL, Liliane; CURI, Guilherme. **A representação midiática de migrantes venezuelanos e da recepção pelos gaúchos no processo de interiorização através portal Gaúcha ZH.** Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, Porto Alegre, 20-22 de junho, GT Jornalismo, 2019.

ROSA, Ana Paula. Quando os olhos não piscam, nem param: da imagem operação à ascensão ao fluxo. In: FERREIRA, Jairo; GOMES, Pedro Gilberto; FAUSTO NETO, Antônio; BRAGA, José Luiz; Rosa, Ana Paula (Orgs.). **Redes, sociedade e polis: recortes epistemológicos na midiatização.** 1. ed. SANTA MARIA: FACOSUFMS, 2020. p. 201-225.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração.** São Paulo: EDUSP, 1998.

SODRÉ, Muniz. O socius comunicacional. In: VERÓN, Eliseo; FAUSTO NETO, Antonio; HEBERLÊ, Antonio Luiz O. **Pentálogo III: Internet: viagens no espaço e no tempo.** Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013. p.241-252.

VAN DIJK, Teun A. Nuevo racismo y noticias: Un enfoque discursivo. In: NASH, Mary; TELLO, Rosa; BENACH, Núria Benach (orgs.). **Inmigración, género y espacios urbanos.** Los retos de la diversidad. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2005, pp. 33-55.

VIEIRA, Maritcheli; BRIGNOL, Liliane; Guilherme Curi. A recepção da telenovela Órfãos da Terra: entre a interculturalidade e a manutenção de estereótipos na representação de identidades migrantes. **Revista Comunicação e Sociedade da Universidade Metodista de São Paulo**, nº 3, v. 43, 2021, p. 137-167.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tadeu Tomás da (Org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais.** Petrópolis: Vozes, 2000, p. 07 -72.